

Fernando Pessoa

FAUSTO: Reza por mim Maria

FAUSTO:

Reza por mim Maria

MARIA:

(Rezo por ti? Sim rezarei. Mas o que tens?)

FAUSTO:

Reza por mim e diz a Deus (. . .)

Reza por mim, Maria, e eu sentirei

Uma calma d'amor sobre o meu ser,

Como o luar sobre um lago estagnado,

A fazê-lo um milagre de beleza.

Reza por mim e diz: Oh Deus, meu Deus,

Fazei-o inda feliz esse a quem amo

(Se é que me amas. . .).

MARIA:

Inda duvidas, meu amor?

FAUSTO:

Dize: Fazei feliz esse a quem amo

E que, qual condenado pela vida,

Arrasta a grilheta da dor,

Cujos olhos não choram por não ter

Na alma já lágrimas p'ra chorar,

Que, tendo erguido o seu pensar ao cume

Do humano pensar. . . Não, não importa,

Não digas nada, reza e que a tua alma,

Compadecendo-se de mim encontre

Os termos, as palavras que na prece

Murmurará. . . Choras? Fiz-te chorar?

MARIA:

Sim. . . Não. . . Eu choro apenas de te ver

Triste e (. . .) sem que eu compreenda

Tua tristeza, meu amor. Vem ela

De alguma dor — oh dize-me, partilha
Comigo a tua dor que eu te darei
O meu carinho, porque te amo tanto. . .

FAUSTO:

Tu amas-me, tu amas-me, Maria?

MARIA:

Ah, tu duvidas? Meu amor, duvidas?
Temes talvez que o meu acanhamento,
Que vem d'amor, eu não sei como, seja
Indiferença. . . Não. . . ah não o creias!
Eu não tenho a viveza, nem a ardência
Que algumas têm, tremo de mim mesma
Do meu amor, mas eu não sei por quê. . .
Mas amo-te. . . Se te amo, porque hás-de
Tu duvidar de mim?

Ah, se palavras

Podem levar a alma nelas, Fausto,
Se o amor, este amor como eu sinto,
Pode dizer-se sem o duvidar
Se o que eu sinto em minha alma quando te vejo
Quando sinto o teu passo, quando penso
Em ti, amor, em ti, se olhares, beijos
Podem mostrar o amor, todo o amor —
Crê que as minhas palavras, os meus beijos,
O meu olhar têm esse amor.

Se eu não posso

Gritar: amor, amor, ardentemente
E desmedidamente, e a voz em fogo,
É que em mim mesmo, nasce-me um pudor
De o dizer muito alto (mas não creias
Que é por amar-te pouco, que só é
De amar-te muito e amar-te como te amo)
Se isto não faço, não duvides, não. . .
Eu não sei dizer mais; não aprendi
Como o amor fala não, não aprendi,
Porque o amor não fala, não pode
Dizer-se todo, senão não seria

Amor, ao menos este amor que eu sinto.
Não sei, não sei dizer-te. . . Não duvides!
Eu pareço talvez fria aos teus olhos;
Não duvides que eu sofra muito, muito
Por duvidares
E eu amo-te. . . Meu Deus, como eu te amo!

FAUSTO (aparte):

Como eu sinto de ouvi-la e de sentir
(Sentir pelo meu pensamento) quanto
É aquele amor e como ele é amor,
Minha alma fria, meu coração frio!
Aquilo é amor. . . Eu, pois, nunca amarei. . .
Que ela fala e eu compreendo (se compreendo!
Quanto ela ama, como ela fala amor).
Nada sinto em mim que nasça, surja
E vá de encontro ao seu amor. Não posso
Fazer erguer em mim um sentimento
Que dê as mãos àquele. E, de o não poder,
Eu mais frio me sinto, mais pesado
N'alma, na minha desconsolação.
Como me sinto falso, falso a mim mesmo,
Falso à existência, falso à vida, ao amor!

(alto)

Perdoa, amor

(aparte)

Amor! Como me amarga
De vazia em meu ser esta palavra!
Como de isso assim ser me encolerizo!

(alto)

Perdoa, meu amor!

Cedo aprendi a duvidar de tudo
Por duvidar de mim, sem o querer,
Sem razão de o querer ou de o pensar
Durante em honras, amor, felicidade. . .
Em tudo. . . Mas eu creio em ti, Maria,
Eu creio em ti. . . Como és bela! Não, não chores,

Quero falar ternura e não o sei;
Tenho a alma fria — oh raiva! é impossível.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 101.